



A INTERCULTURALIDADE E A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES ARTÍSTICAS DE MULHERES ACORDEONISTAS E COMpositoras NA CULTURA GAÚCHA¹

Alice de Paula Ghisleni²

¹ Trabalho desenvolvido na disciplina de Ética e Formação Humana no primeiro semestre de 2024/Unijuí.

² Mestranda do PPGEC da Unijuí, professora da rede municipal de ensino de Ijuí/RS.

RESUMO

Este trabalho aborda a construção da identidade artística de mulheres acordeonistas e compositoras dentro da cultura gaúcha, estabelecendo um diálogo com a obra *Cidadãos do mundo para uma teoria da cidadania* de Adela Cortina (2005). O objetivo é promover um debate sobre a interculturalidade proposta pela autora e as problemáticas específicas da cultura gaúcha, com foco na integração e no reconhecimento dessas artistas. Metodologicamente, a pesquisa é de cunho qualitativo (Bresler, 2007), com o enfoque no estudo descritivo e o relato de experiência e emerge de um trabalho realizado para a disciplina *Ética e Formação Humana*, do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da Unijuí (2024). Ao utilizar a fundamentação teórica da disciplina, o debate também se aproxima da ideia do autor Charlot (2019) sobre “cibercultura” e “ciberspaço”. Como resultado destaco que a cultura gaúcha é intercultural, por ser o resultado da miscigenação de povos de diferentes origens, além disso, há traços respeitáveis e indesejáveis, que através da autocrítica e de uma educação universalizadora, devemos “selecionar” e ensinar para que não haja reproduções de comportamentos excludentes, fechados e maníacos. A presença ainda escassa de mulheres em festivais e eventos musicais do Rio Grande do Sul mostra que há um caminho a percorrer para alcançar igualdade de oportunidades e reconhecimento para todas as identidades dentro da cultura gaúcha. A internet e o ciberfeminismo desempenham um papel crucial ao facilitar conexões, permitindo que a comunidade de acordeonistas e compositoras cresça e se fortaleça.

Palavras-chave: Identidade artística. Acordeonistas e compositoras. Cultura gaúcha. Interculturalidade.

ABSTRACT

This paper addresses the construction of the artistic identity of female accordionists and composers within the gaucho culture, establishing a dialogue with the work *Cidadãos do mundo para uma teoria da cidadania* by Adela Cortina (2005). The objective is to promote a debate on the interculturality proposed by the author and the specific problems of Gaucho culture, with a focus on the integration and recognition of these artists. Methodologically, the research is qualitative in nature (Bresler, 2007), with a focus on descriptive study and experience reporting and emerges from a work carried out for the Ethics and Human Formation discipline, of the Postgraduate Program in Education in Sciences at Unijuí (2024). By using the theoretical foundation of the discipline, the debate also approaches Charlot's (2019) idea of “cyberculture” and “cyberspace”. As a result, I highlight that the Gaucho culture is intercultural, as it is the result of the miscegenation of peoples of different origins. Furthermore, there are respectable and undesirable traits, which through self-criticism and a



universalizing education, we must “select” and teach so that there is no reproduction of exclusionary, closed and manic behaviors. The still scarce presence of women at festivals and musical events in Rio Grande do Sul shows that there is a way to go to achieve equal opportunities and recognition for all identities within gaúcho culture. The internet and cyberfeminism play a crucial role in facilitating connections, allowing the community of accordionists and composers to grow and strengthen.

Keywords: Artistic identity. Accordionists and composers. Gaúcho culture. Interculturality.

INTRODUÇÃO

O texto aborda a construção da identidade artística de mulheres acordeonistas e compositoras dentro da cultura gaúcha, estabelecendo um diálogo com a obra *Cidadãos do mundo para uma teoria da cidadania* da autora Adela Cortina (2005). O objetivo é promover um debate sobre a interculturalidade proposta pela autora e as problemáticas específicas da cultura gaúcha, com foco na integração e no reconhecimento dessas artistas.

Para construir uma reflexão acerca do assunto, também aproximo do debate a ideia do autor Charlot (2019) sobre “cibercultura” e “ciberespaço”, termos que nascem do uso das novas tecnologias de informação e comunicação (NTIC), pois a apropriação dos meios de comunicação e a utilização deles pode se tornar uma ferramenta de auxílio na construção das identidades, uma vez que pode vir a ser um espaço de encontro entre as artistas.

Como acordeonista sempre senti falta da presença feminina nos espaços em que atuei. Na formação inicial, com exceção de minha mãe, que também foi minha professora nos primeiros meses, os meus professores de instrumento foram todos homens. Os meus colegas eram meninos. Nos rodeios e festivais que participei, raras vezes encontrei meninas ou mulheres também tocando acordeon. Na imensa maioria das vezes eu só tinha concorrentes meninos e homens nos concursos de acordeon que participava.

Já no campo profissional a falta de instrumentistas mulheres também se fez e faz presente. Por um tempo eu atuei como acordeonista em grupos musicais folclóricos acompanhando as danças gaúchas nos rodeios e festivais. Em todos os eventos que participei atuando na área da música folclórica, nós éramos o único grupo que contava com a participação de uma mulher acordeonista.

Assim, com base em Cortina (2005), proponho a seguinte pergunta: Que papel o pertencimento ao grupo de mulheres acordeonistas e compositoras de música gaúcha pode desempenhar na construção das suas identidades artísticas?



Nessa perspectiva, o presente estudo contribui com o Objetivo cinco (5) dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), que busca alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas.

METODOLOGIA

O presente escrito, metodologicamente, é de cunho qualitativo (Bresler, 2007) e emerge de um trabalho realizado para a disciplina *Ética e Formação Humana*, do *Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da Unijuí*, ministrada pela professora Doutora Vânia Lisa Fischer Cossetin, no primeiro semestre de 2024.

O enfoque em questão é o estudo descritivo e o relato de experiência, onde, através da fundamentação teórica da disciplina, busco utilizar o pensamento da autora Adela Cortina (2005) sobre a interculturalidade e a construção da identidade pessoal para estabelecer relações na construção da identidade artística de mulheres acordeonistas e compositoras dentro da cultura gaúcha.

INTERCULTURALIDADE E A CULTURA GAÚCHA

A cultura gaúcha é o resultado da miscigenação de diferentes vertentes, com raízes nos povos indígenas que habitavam o pampa, da colonização européia, dos mestiços originários de outras regiões do Brasil-colônia, dos africanos vindos para o Brasil como escravizados até o século XIX e da imigração de povos de diferentes culturas.

Assim, a origem do gaúcho é predominantemente luso-brasileira e açoriana. Ainda no mesmo norte, complementando o arcabouço cultural do Rio Grande com seu legado, estão os índios, primitivos habitantes do país, e os negros, que entraram maciçamente no estado como mão-de-obra escrava com o intuito de fomentar a produção industrial da carne nas charqueadas, cujo corte temporal remonta a 1780. São também etnias integrantes do período inicial, embora em menor número, os judeus e os hispânicos. Os alemães (1824) e os italianos (1875) posteriormente chegaram em território gaúcho, em ondas migratórias incentivadas pelo governo brasileiro. [...]. No fim do século XIX, os poloneses aportaram com forte contingente e, após a 2ª Guerra Mundial, chegaram os japoneses. Logo depois dos poloneses, [...], os imigrantes árabes, de distinta presença. Em número menor, mas de destacada nota, é a presença de holandeses, chineses, franceses, ucranianos, russos, letonianos, ingleses, americanos, suíços, belgas, húngaros, gregos e suecos, que, mais recentemente, chegaram em solo gaúcho (Freitas, 2022, n.p).



Dessa forma, a ideia de que há uma ‘pureza cultural’ que deve ser conservada, defendida pelos tradicionalistas e presente no Estatuto do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG)¹, cai por terra, pois “cada cultura é, na verdade, multicultural, assim como cada um de nós é, na verdade multicultural” (Cortina, 2005, p. 163).

O MTG “é uma associação civil, uma pessoa jurídica de direito privado, sem fins lucrativos, com circunscrição em todo o território nacional, com número ilimitado de associados [...] e tem por objetivo congregar os Centros de Tradições Gaúchas e entidades afins e preservar o núcleo da formação gaúcha e a filosofia do movimento tradicionalista, decorrente da sua Carta de Princípios e expressa nas decisões dos Congressos Tradicionalistas” (Movimento Tradicionalista Gaúcho, 2022, p. 1), ou seja, o movimento é organizado na sociedade civil, de natureza privada, que desenvolveu estratégia de ocupação de órgãos públicos, conseguindo produzir a ilusão de que o Tradicionalismo é oficialmente a genuína cultura e a identidade do Rio Grande do Sul (Golin, 2007).

Porém, como expressado no *Manifesto contra o Tradicionalismo* (2007)², historicamente o Rio Grande do Sul é multicultural e multi-étnico, ou seja, cultural e simbolicamente é uma região de representação aberta e recriação constante. O MTG, ao impor modelos de comportamento fora de seu espaço privado e se auto-elegendo como arquétipo de uma moralidade para toda a sociedade, não representa a complexidade social e cultural do Estado (Golin, 2007). Ainda assim, compõem uma das facetas da cultura gaúcha, e em muitos aspectos, defende ideias machistas, racistas e heteronormativas (Ferreira, 2021), alguns exemplos são: a vestimenta, conhecida como pilcha, dividida especificamente para homens (bombacha ou chiripá) e mulheres (vestido ou saia)³; as representações das mulheres (coisificação⁴ e submissão) no contexto das letras das músicas gaúchas; a falta de instrumentistas mulheres e escassa participação feminina em festivais e rodeios gaúchos.

¹ “Zelar pela pureza e fidelidade dos nossos costumes autênticos, combatendo todas as manifestações individuais ou coletivas, que artificializem ou descaracterizem as nossas coisas tradicionais” (Movimento Tradicionalista Gaúcho, 2022, p. 2).

² Escrito por um grupo formado de jornalistas, historiadores, produtores culturais, pedagogos e autoridades acadêmicas

³ Há relatos de pessoas impedidas de participar em eventos promovidos em Centros de Tradição Gaúcha por não estarem devidamente pilchadas (Silva, 2010).

⁴ Coisificação das mulheres abrange trechos que de alguma forma caracterizam as mulheres como algo atrelado ao uso, consumo, ligadas a comparações diversas, como animais e elementos da natureza e, portanto, as colocam fora da posição de sujeito, aproximando-as da ideia de coisa (Silva e Oltramari, 2010).



Apesar disso, “de fato, nas diferentes culturas, mesmo na própria, cada pessoa encontra traços respeitáveis, traços “a ser protegidos”, e outros indesejáveis.” (Cortina, 2005, p. 164). Dessa forma, através da autocrítica, nos tornamos responsáveis em “selecionar” o que consideramos características respeitáveis e indesejáveis presentes na cultura gaúcha (Cortina, 2005).

Torna-se uma tarefa da educação universalizadora ensinar de modo diferente do que se poderia esperar em razão de sua origem, para que não haja reproduções de comportamentos excludentes, fechados e maníacos presentes em nossas afiliações acidentais (Savater, 2012).

A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES ARTÍSTICAS DE MULHERES ACORDEONISTAS E COMpositoras NA CULTURA GAÚCHA

No Brasil, o direito à educação para todos está presente no artigo 205, da Constituição Federal (1988), assim, “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Porém, mesmo que nas sociedades democráticas e socialmente mais desenvolvidas, a educação básica costuma ser garantida a todos de forma igualitária (Savater, 2012), a igualdade de oportunidades em espaços musicais do Rio Grande do Sul ainda não é garantida para todos, uma vez que ainda existem festivais como *A Barranca*⁵ da cidade de São Borja - RS (que proíbe a participação de mulheres há 48 anos) e o *Pesqueiro da Canção*⁶ da cidade de Ijuí - RS (um evento restrito a homens ligados a música e poesia do Rio Grande do Sul).

Assim, as compositoras e acordeonistas gaúchas constituem um grupo que se apresenta em minoria dentro da cultura gauchesca, e como colocado por Cortina (2005, p. 156)

Para construir uma identidade moderna, precisamos contar com o reconhecimento de outros significativos, mas também é indispensável que o próprio indivíduo escolha e redefina a sua identidade. Para isso, contará sem dúvida com seu sentido de pertença

⁵SCHMITT, Luís Paulo Müller. História e polêmicas: um resgate do Festival da Barranca. Medium, 2019.

Disponível em:

<https://luspaulo.medium.com/hist%C3%B3ria-pol%C3%AAmicas-um-resgate-do-festival-da-barranca-b1adf168d09a>. Acesso em: 27 jul. de 2024.

⁶Pesqueiro da Canção, 2024. Disponível em:

<https://pesqueirodacancao.com.br/#:~:text=%22O%20'Pesqueiro%20da%20Can%C3%A7%C3%A3o',%C3%A0s%20margens%20do%20Rio%20Iju%C3%AD.%22>. Acesso em: 27 jul. 2024.



a distintos grupos, ao grupo das mulheres, das brancas, das cristãs, das europeias, das professoras, e a uma infinidade de outros grupos.

Adela Cortina (2005), ao se apropriar das hipóteses apresentadas por Taylor (1996), sustenta uma estratégia de análise para a compreensão da identidade dividida em três principais eixos: a identidade moral, relacionada à formação da consciência moral individual de cada pessoa; a identidade pessoal, é aquela assumida pelo sujeito como sendo a sua, realizada em sua autenticidade; a identidade reconhecida, que é como o indivíduo deseja ser visto diante da sociedade.

Para o presente trabalho me atenho ao terceiro eixo, pois passa a existir a negociação da luta pelo reconhecimento, a identidade não nos é dada, mas é negociada, assim, lutas sociais são empreendidas para obter o reconhecimento dos outros significativos, o sentimento de pertença é fundamental para um projeto de construção da identidade (Cortina, 2005).

Ao forjar a minha identidade artística a partir do triplo horizonte (moral, pessoal e reconhecida), sendo mulher acordeonista dentro da cultura gaúcha, o sentimento que fica é o de que a luta pelo reconhecimento é constante e a falta de um grupo de pertencimento a torna mais difícil e solitária, uma vez que os grupos de pertença, classificados como sociais, tiveram que lutar pelo reconhecimento e, portanto, se identificam, por um sentido particular da história, por um modo de compreender as relações pessoais e sociais (Cortina, 2005).

CIBERCULTURA, CIBERESPAÇO E CIBERFEMINISMO

Atualmente, com o advento das novas tecnologias de informação e comunicação (NTIC), o surgimento do ciberespaço e, conseqüentemente, da cibercultura⁷, constroem-se pontes onde, com facilidade, as artistas podem se encontrar e trocar experiências. Essas pontes são fortalecidas pelo ciberfeminismo, um espaço onde as “mulheres aliam tecnologia, instalações artísticas e representação do corpo feminino, como forma de ocupar o espaço da cultura digital, até então, ocupado pelo masculino” (Dutra, 2018, pg. 23).

Segundo Charlot (2019, p. 173) “hoje em dia, graças à Internet, o que acontece em um cantinho do mundo pode ser conhecido “em tempo real” e até provocar mudanças no

⁷ De acordo com Lévy (1997, apud Charlot, 2019) o ciberespaço é um espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias informáticas, onde está sendo construída uma “cibercultura” que dá forma a uma nova espécie de universal: o universal sem totalidade, indeterminado, que aceita a todos.



outro lado do planeta”, assim, a Internet, ao construir pontes entre as artistas gaúchas, pode desempenhar papel fundamental para a formação de um grupo social de pertença.

O ciberfeminismo tem contribuído para o debate de pautas das mulheres na música, pois, compartilha nas redes sociais, outros modos de lutar por suas demandas, falando, exigindo, indignando-se, propagando ideais de equidade e denunciando a violência e abusos. A música se une nesse contexto promovendo, através da arte, consciência social da potência do feminino. E entre as próprias mulheres, promove a conscientização de que a sua presença na área constitui um campo de luta e transformação individual e coletiva.

Mesmo que não exista um grupo formal de acordeonistas e compositoras na música gaúcha, ainda assim, “uma pessoa pode sentir-se unida às pessoas de seu mesmo sexo, raça ou unidade política unicamente por compartilhar essas qualidades” (Cortina, 2005, p. 158), dessa forma, a Internet torna-se uma importante ferramenta de encontro entre as artistas que talvez, futuramente, possam formar uma rede de apoio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cultura gaúcha é intercultural, por ser o resultado da miscigenação de povos de diferentes origens, além disso, há traços respeitáveis e indesejáveis, que através da autocrítica e de uma educação universalizadora, devemos “selecionar” e ensinar para que não haja reproduções de comportamentos excludentes, fechados e maníacos. Assim, a presença ainda escassa de mulheres em festivais e eventos musicais do Rio Grande do Sul mostra que há um caminho a percorrer para alcançar igualdade de oportunidades e reconhecimento para todas as identidades dentro da cultura gaúchesca.

Adela Cortina (2005) ressalta a capacidade humana de buscar e encontrar solidariedade e comunidade com base em características compartilhadas. No contexto da música gaúcha, mesmo na ausência de um grupo formal de acordeonistas e compositoras, a identificação mútua entre essas artistas pode ser fortalecida através de plataformas online. As redes sociais permitem que essas musicistas se conectem, compartilhem experiências, troquem conhecimentos e eventualmente organizem-se para formar uma rede de apoio. Essa rede pode proporcionar um espaço para o fortalecimento de laços profissionais e pessoais, bem como para a promoção e valorização de suas obras. A Internet, assim, desempenha um papel crucial ao facilitar essas conexões, pois, pode permitir que a comunidade de



acordeonistas e compositoras cresça e se fortaleça, independentemente da distância geográfica e das barreiras físicas que possam existir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990.

BRESLER, Liora. Pesquisa qualitativa em educação musical: contextos, características e possibilidades. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, V. 16, p. 7-16, mar. 2007.

CHARLOT, Bernard. A questão antropológica na Educação quando o tempo da barbárie está de volta. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, v. 35, n. 73, p. 161-180, jan./fev. 2019.

CORTINA, Adela. **Cidadãos do mundo**: para uma teoria da cidadania. Trad. Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

DUTRA, Zeila Aparecida Pereira. A primavera das mulheres: ciberfeminismo e os movimentos feministas. **Revista Feminismos**, Bahia, v. 6, n. 2, Mai. – Ago. 2018.

FERREIRA, Clarissa. **Gauchismo líquido**: reflexões contemporâneas sobre a cultura do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Editora Coragem, 2021.

FREITAS, Maxsoel Bastos de. **Etnias do Gaúcho: Rio Grande, terra de muitas terras**. Secretaria de Estado da Cultura, 2022. Disponível em: <https://cultura.rs.gov.br/tema-festejos-2022>. Acesso em: 23 de jul. de 2024.

GOLIN, Tau. **Manifesto contra o Tradicionalismo**. Gauchismos, 2007. Disponível em: https://gauchismos.blogspot.com/2007/05/manifesto-contr-o-tradicionalismo_5243.html. Acesso em: 23 jul. 2024.

MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO. Estatuto do Movimento Tradicionalista Gaúcho - MTG. Inscrito no Cartório de Títulos e Documentos em 27 de novembro de 1967, sob o número de ordem 4.436, Livro A, nº 8. **Porto Alegre**: p. 1-15, 30 jul. 2022.

SAVATER, Fernando. **O Valor de Educar**. São Paulo: Editora Planeta, 2012.

SILVA, Laura Rosa da; OLTRAMARI, Leandro Castro. “De beija-flor a urubu”: Representações das mulheres na música gaúcha. 1ªed. **Fazendo Gênero 9**: UFSC, p. 1-10, 2010.

SILVA, Paula Rafaela. Paula: Barrada no Baile. Em que século vivem os centros de tradição gaúcha? Forum, 2010. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/blogs/blog-da-maria-fr/2010/6/23/paula-barrada-no-baile-em-que-seculo-vivem-os-centros-de-tradio-gaucha-43419.html>. Acesso em: 23 jul. 2024.